

revista

Gente

de

PALAVRA

n° 25

25



anos

Adriano Nunes Andrade Jorge **André Luís Soares** Angela Fonseca **Ayalla de Aguiar** Benette Bacellar **Bruno Rocha**
Cláudia Gonçalves **Cleber A. dos Santos** Cleonice Bourscheid **Davi Kinski** Delma Gonçalves **Edison Gil** Edweine Loureiro
Elsa Camargo Evandro Alves Maciel **Fernando Ursáries** G. Cardoso **Gabriela Claudino** Geraldo Estrada **Henrique**
Bastos Jorge Ventura **Léris Seitenfus** Lilian Rose M.da Rocha **Lucas Esteves** Ludimar Gomes Molina **Luiz Otávio Oliani**
M Isis **Magda Duarte** Mah Fiori **Márcia Plana** Michelle Hernandes **Renato de Mattos Motta** Ricardo Mainieri **Roberto**
Leal Rodolfo Tokimatsu **Rosana Piccolo** Sirlene Maria Vieira **Tayline Angeli** Themis Groisman Lopes

Dois anos são vinte e quatro meses, setecentos e trinta dias ou 17.520 horas; não é muito tempo, mas também já não é pouco. É mais do que dura a maioria dos empreendimentos culturais, muito mais. E nesse tempo, nossa revista e nossos saraus nunca atrasaram um dia. Sempre aconteceram na segunda quarta-feira de cada mês. Os apoios foram importantes, porque sem apoio fazer cultura fica muito mais difícil, com um agradecimento muito especial ao Instituto Estadual do Livro – IEL, que nos acompanha desde o primeiro número (e mesmo antes). Um agradecimento especial ao Fundo Municipal de Produção Artística e Cultural – FUMPROARTE – de Porto Alegre, que possibilitou o lançamento da Coleção Caderno de Poemas. Em uma iniciativa ousada, estamos publicando nove poetas, a maioria inéditos em livro.

Nesse tempo, muita gente se aproximou do grupo, alguns se afastaram, mas a grande maioria continuou. Quando instituímos o Conselho Editorial e a Revista Gente de Palavra passou a ter seu conteúdo definido por um concurso mensal aberto, passamos a contar com poetas de todo o Brasil; hoje nossa revista tem poetas também da Colômbia, Portugal, Estados Unidos e até do Japão!

Foram dois anos dedicados à palavra, dois anos de uma trajetória que está apenas começando e já mostra que vale a pena ser Gente de Palavra.

2 anos

Somos

Somos os poetas que não estão nos livros de escola,
aqueles cujos poemas pulsam o tempo do instante,
aqueles que estão nas ruas,
te cruzam caminho, te pisam no pé;
somos os que não calam, os que falam,
os incômodos,
aqueles que comem, que pagam impostos,
andam de ônibus.

Somos os poetas que não são citados nas teses de Letras,
aqueles que os jornais esperam que morram
para dizer que viveram,
Somos aqueles que não dão filmes,
cujas vidas não viram biografias,
aqueles que não estão na lista dos mais vendidos,
somos a sociedade dos poetas vivos
somos Gente de Palavra.

O corpo

Um corpo
nu
num quarto
barato
Um café frio
na mesinha
de cabeceira
A marca de batom
na caneca
Um cigarro
apagado
As notas
jogadas
na cama
suja de
um sexo
mal feito
No peito
um coração
que nem
batia mais.

Tayline Angeli



Eu bebo pela dor de beber

Eu sinto inveja daqueles que sinto pena.
Dos que reclamam de dia, agradecem de noite
E morrem com o arrependimento na ponta da língua.
Dos que torcem para ganhar e ganham
Para orar com devoção.
Dos que bebem apenas para sorrir
E sorrindo fecham os olhos.

Eu bebo pela dor de beber.
Quando não, pela garganta,
Que, vez ou outra, inflamada, dói também.

Salvo minhas mágoas do afogamento
Por pena, orgulho ou vaidade,
E sinto muito pelos momentos
Em que nada sinto
Ou sinto o que não devo sentir.

Náuseas.
Preferiria sentir cócegas
E morrer sorrindo

De olhos assim... bem fechados.





Não tenho amarras, não busco raízes...
A firmeza sim, mas para os passos
Que me guiam adiante.

Um viajante, nômade, andarilho...Cigano.
Um espírito de longas caminhadas,
De longas histórias.

Comigo, não trago nenhum luxo;
Minha bagagem é esperança,
Infintos amores.

Me entrego aos ventos, às folhas secas pela estrada
Ao solitário sol nascente
O doce prazer de encontrar-me com o novo,
Encontrar-me de novo...

Se quiseres vir, me encantaria a companhia,
As conversas soltas, a alegria compartilhada...
Se não puderes, ainda levarei comigo,
Em todas as minhas formas de amor,
No bolso da camisa surrada,
Todas as nossas formas de amar.

Henrique Bastos.

Libertação

Libertar palavra
como soltar a fera,
o cão danado.
Desmedir o verso
como descartar o peso.
Não mais mordanças
ou ranger de dentes.
Só a voz, a chave para o salto,
o voo da ave fugidia.
E ao fim das fôrmas,
do horror do claustro,
ousa, ousa, minha poesia:
o medo é uma prisão
e eu acabo de sair dela.

Jorge Ventura





Venha ver o sol
entre meus vales
penetre minha escuridão

Venha ver o sol
entre deleites
em devassidão

Venha ver o sol
tirar meus enfeites
perder a razão.

Michelle Hernandez

Dilema

Dilema de mulher
é servir Troia e ser Helena;
voz macia, alma serena
e muita fome de viver.

Mulher nasce poema...
sonhos grandes, mãos pequenas,
sem limites para o amor.

Sedutora...
três raios de sol e chuva,
dez marés em sete luas,
cem leões em meio à arena...
todos eles a seus pés!

André Luís Soares

Amiga esperança

Os problemas têm dedos quentes
Que queimam a mente
O medo tem sombra fria
Que alucina a alma
E a cada caminhada
A realidade é mais pesada.
Mas o coração sempre é bento
Traz o alimento
A lembrança e de volta
A velha amiga Esperança
Que escondida
Um dia sempre volta
E assola a vida de alegria.



Bárbara poesia

há poemas
que surgem
como um vento
a arrancar telhados
a sacudir
colunas
a espalhar
poeira
e a levantar
a saia
da mais pura
menina
expondo
um par
de coxas
que ainda
ninguém viu.

Rodolfo Tokimatsu

Opaco

empacotada na ausência
a intimidade do ninho

o que rói
_____ é vago

imagem desfocada
diluída
na tempestade
dos dias

Cláudia Gonçalves



Depois de Hiroshima

Fecho os olhos
Para varrer
As ausências
Colhidas
Nos silêncios
Atlânticos
Dos Budas
Que ditam
A paz
Que não temos
Delírios atômicos
Espatifados
Nos partos
Sem mães
Vou limpando
A retina
Sem a vaselina
Dos domingos
À tarde
Da violência
Sem gozo
Quero o grito
Do que não
Tem chão
Na curva
Do abandono
Vou fazer um
Arranjo
Para enfeitar
Com decepção
Esse verão
Que nunca
Chega

Davi Kinski

Desigualdade

Viva Maria pisa papelão
amassando lembranças
descalça a fome caminha
com seu olhar criança
sob viadutos eliminados
a sociedade desova
cidadãos aniquilados
caixotes feito covas.

Roberto Leal



Erga omnes

Eu com
O tempo,
Um pacto.

Eu com
O olvido,
Compacto.

Eu sem
O amor,
Que impacto!

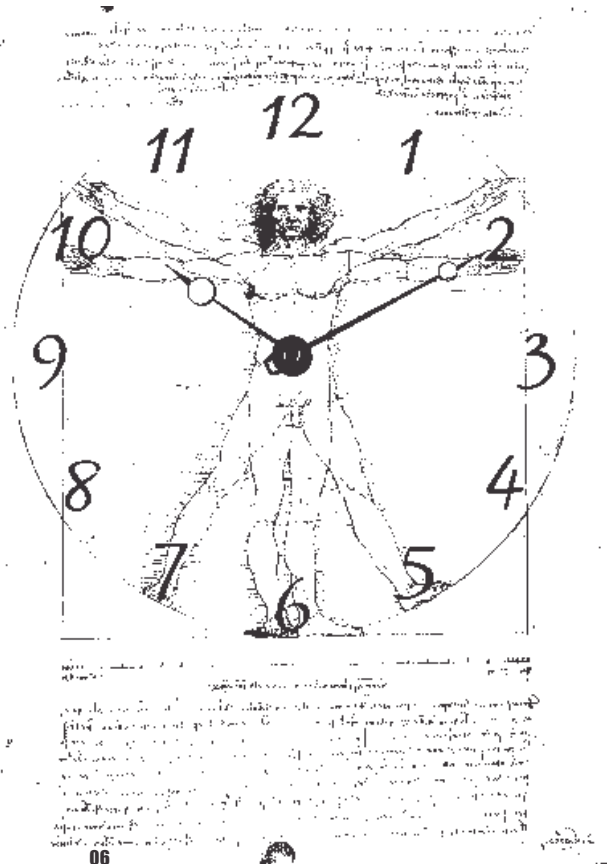
Eu, só,
Sem mínimo
Contacto.

Eu com
Migalhas,
Um facto.

Eu só
Comigo,
Intacto.

Adriano Nunes

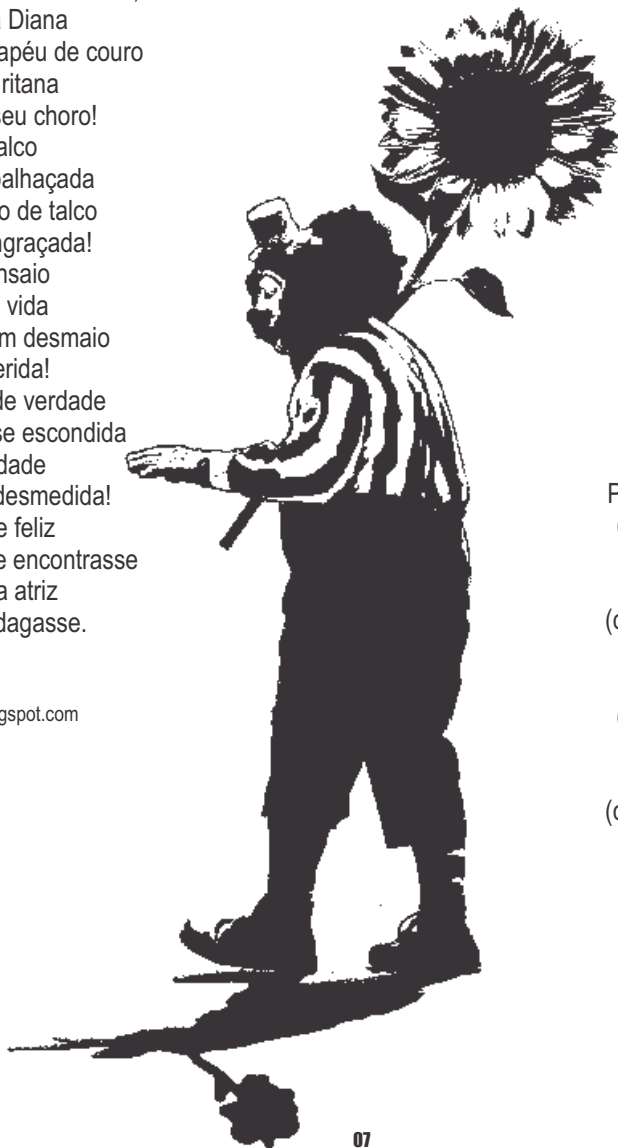
<http://astripasdoverso.blogspot.com.br/>



Choro a lápis

Usava sempre a maquiagem certa
No picadeiro ou no palco, ria e chorava!
A arquibancada às vezes que deserta,
A nossa palhaça de nada atrapalhava.
Usava máscara cotidiana
Era a lápis o seu choro
Sua alegria era insana
Seu corpo, banhado a ouro,
E chorava à la Diana
Com o seu chapéu de couro
Se fingindo puritana
Sufocando o seu choro!
A vida era o palco
Reinava sua palhaçada
Com um pouco de talco
Se fazendo engraçada!
Atuava sem ensaio
Nos palcos da vida
Improvisava um desmaio
Sempre que ferida!
Não chorava de verdade
Só se estivesse escondida
Adorava a vaidade
A palhacinha desmedida!
Estava sempre feliz
Se no palco se encontrasse
E dizia que era atriz
A quem lhe indagasse.

G. Cardoso
gritandopoesia.blogspot.com



Temo

a beleza que se vai
quando uma flor fenece
assim como o tempo
que não perdoa.
Ao olhar novos
botões que se abrem
em doces sorrisos,
suplico:
desabrochem devagar
e não esqueçam
a ternura.

Themis Groisman Lopes

Varal

Pendurei sonhos no varal
(como se fossem panos)

Pendurei panos no varal
(como se fossem sonhos)

Vesti sonhos
(como se fossem panos)

Vesti panos
(como se fossem sonhos)

O vento cessou
A corda rompeu
O pano secou

(os sonhos não cessam
os sonhos não rompem
os sonhos não secam)

Cleonice Bourscheid

Indecisão

"Sentei-me na beira do rio e chorei"
Procurei beleza no meu reflexo.
Enxerguei traços sem nexo.
Agarrei-me ao tronco que, vagorosamente,
deixava-se ser levado pela correnteza.
Estaria ali a minha salvação?
Pelo sim... Pelo não...

O pôr do sol ofusca minha vista cansada.
Prefiro a escuridão da madrugada.
O tronco é deixado de lado.
Não quero agarrar-me a mais nada.

Quero arriscar-me e essa vagarosidade me irrita.
Meu desespero grita: "Quero sair daqui!"
O eco responde: "Você nunca sabe onde quer ir"

À minha frente surge agora a verdadeira salvação:
As cataratas fatais.
É só segui-las e nada mais, mas...
Covarde que sou, volto à beira do rio e choro.

Ludimar Gomes Molina



Âmago

Partitura de momentos escrita sobre papel manteiga
Marcam sentimentos ilícitos nos lençóis polidos
Flores maduras fragmentadas espalhadas ao chão
Vaga-lumes passeiam entre fendas e cachos
Recusa à insipidez da vida em rostos desfigurados
Espelho sangrado de sal, evidências; pecado no Éden
Resíduos de pés descalços e úmidos, hálitos e álibis
Odores sumirão nas próximas horas desordenadas
Substituídos pelo perfume de lavanda mediterrânea
Impressões digitais, cúmplices e testemunhas seduzidas
Sequestro em um quarto de veludo e tons carmim
Recôndito em tardes bastardas de sombrinhas abertas.

Mah Fiori - 2014



Poema pintura de Carlos Saramago

inventava sonhos afogava-se neles
e tinha urgência de escrever sobre medos
onde a coragem expunha a ferida aberta

a paixão amputava uma parte de si
quando encontrava a fonte matava a sede
e mergulhava em mares de tubarões

virava sereia sem dias e sem noites
lavava a rocha com lágrimas
aguardava a passagem das estações
a cada virada da maré

olhava a gaivota a voar voar voar
passava da hora de descansar

e pedia a netuno a alegria da vida
para no seu braço amputado pousar

Benette Bacellar



Catorce

Fui yo como pudo ser cualquiera
La vida es solo eso,
Un manajo de recuerdos
Que se pierden en la memoria
[con el paso de los días,
Tan distante de los lugares recorridos
Tan lejana de tu mirada
Aquella que una vez fue mi hogar.

Pocas huellas se marcan en la piel
Casi imposible en tiempos modernos
Nada es diferente, nada es auténtico
Nadie es especial para nadie
Las cosas hablan por sí mismas
No hay tiempo ni hay eternidad.

Elsa Camargo

Meninos

Os meninos que andam as ruas
do centro das grandes cidades
têm olhos de vidro e pedra e pó.
Em hordas alucinadas,
e porque a vida vale nada,
brincam com armas de verdade.

Os meninos que andam as ruas
do centro das grandes cidades
não sonham, apenas deliram.
São heróis-bandidos
e seus territórios obscuros
cheiram a sangue, fezes e urina.

As ruas das grandes cidades
por onde andam esses meninos
são becos sem saída.

Angela Fonseca

Prefiro o cansaço e a sujeira
dos pés peregrinos,
de um buscador
ao conforto e assepsia
dos pés acomodados
de um conformado.

M Isis

www.todapoesiadodia.blogspot.com.br



Gramática da vida

Dizem por aí que atropelas a gramática
e que sua fala, sujeito, foge ao padrão
mal sabem mesmo que na escola da vida
bonitas são as palavras vindas do coração

Por isso, a vida jamais deve ser contida
por uma gramática que promove segregação:
ela não se paralisa nem com um ponto e vírgula
mas sempre compreende os pontos de interrogação

Quando a retórica gramática
der licença para a sabedoria da vida
na dança fluente das palavras
toda fonte de poesia poder-se-á ser sentida

Então, entenderemos que as reticências
na sua autossuficiente e implícita supressão
bastam, portanto, para a suprir a ausência
de qualquer sinal de pontuação

Pois, a vida, sujeito, sempre tem...

Bruno Rocha

Chão

parece que
foi ontem que
tu tava aqui

colchão no chão
e eu e tu
vivendo só

daquela hora
daquele ato
daquele sim

sabendo que
aquilo ali
morria assim

não tinha mais
e nem porquê
de resistir

mas nossa carne
queria ainda
além do corte

a fome viva
a despedida
daquela arte.

Fernando Ursáries



Iniciação

ao iniciar
a grande viagem
da alma

a jornada para
Atlântida
Aruanda
ou a Walhala

quero ter mãos livres
a mente
sem débitos

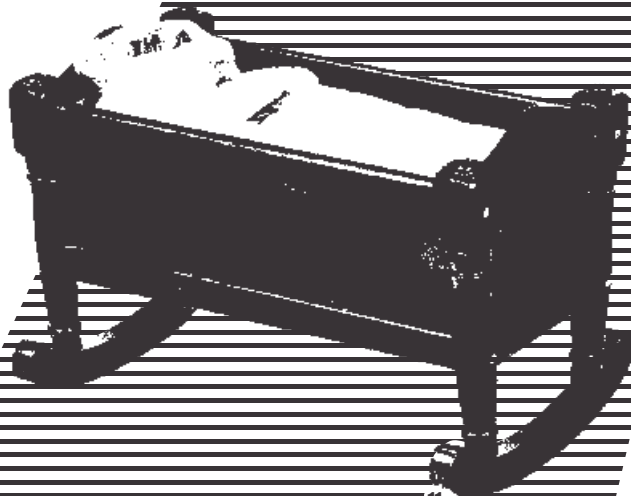
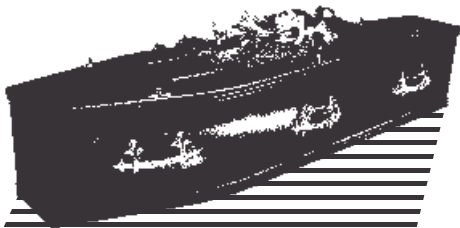
para planar acima

e nesse momento
serei poeira cósmica
som primordial
link no ciberespaço

irei (re)abrir arquivos
de pretéritas eras
na imensidão inconsciente

para em outro tempo
(re)nascer.

Ricardo Mainieri
www.mainieri.blogspot.com



Voz do amanhã

flores secas, úmido cipreste
na orquestra
desafinados acordes
gritos

quando eu morrer
silêncio:
haverá cal sobre o poeta

Luiz Otávio Oliani

À noite

Quando não há nada a dizer,
Quando não há nada a fazer,
Sinta o silêncio,
Prescreva o nuance
De cada nota suave
Que na espreita da noite,
Esconde-se.

Magda Duarte



Cristalina existência

Tento quebrar o tempo
sem tirar a beleza do cristal
saliente e resignado
dos anos vividos...
De dias frágeis
ameaça de estilhaço
vivo e revivo
dedilhando etéreas paixões
revigoro de tempo em tempo
a cristalina existência
de poemas e canções.

Léris Seitenfus

Brio

Com brio sacudiu a mágoa dos ombros
Tirou a poeira do desapego, desvencilhou-se da tristeza
Experimentou a tolerância com goles impacientes, sedentos por novidades
Preparou o desjejum com ares aventureiros alimentando-se de liberdade
Destampou o pote da esperança, assoprou o pó da saudade
Ligou a vitrola do pensamento e foi se soltar nas entrelinhas da imaginação
Bailarina voou pelas vias infinitas daquela velha canção
Despediu-se do help com suspeitos suspiros de happy
Abriu a porta da alegria, dependurou-se nas asas das lembranças fortuitas
Desamarrou os laços do riso na cara amarrada
Fingiu não ouvir o barulho do silêncio
Esboçou um fio de solitários nãos, driblando o sim da indignação
Por um triz se sobressaiu, no palco, a sua verdadeira face de atriz
O que pesou na consciência?
O simples ato de tentar enganar a solidão!

Delma Gonçalves



Tanto Faz

Tanto faz se nasce reto
ou se aflora pelo torto,
se opta em ser sequoia
ou se contenta em ser um broto.

Há flores pelo mar
e lírios no esgoto!

Julgar é manter preso
aquilo que está solto
é ancorar pra não voar,
naufragar no cais do horto.

É deixar de cultivar
pra desabitar o próprio porto!

Edison Gil

<http://twitter.com/siredisongil>

<http://edisongil.blogspot.com>



Dentro e fora

Dentro
um mundo que dorme
fora
na noite vazia
um cão sarmento escondia
no escuro
a sombra disforme
Dentro de mim
desconforme
chora minha alma vadia
chora da noite a agonia
fora
no mundo que dorme

Ayalla de Aguiar



Era uma flor

Era uma vez
uma flor
de amora
que não era
amora
nem mesmo flor
era

apenas era
amor, ora!

Renato de Mattos Motta

O instante

Olhares apaixonados
e corações incendiados:

Destinos entrelaçados?

E a tudo, encantado,
observa o Poeta;
sabendo que é chama:
e, portanto, finita.

Mas, ora, que importa!

Se a chama é tão bonita...

Edweine Loureiro



Encontros musicais

Música...

Sutileza

Espelhada

Em notas

Infundáveis

De mergulhos

Na alma.

Onde o retrógrado

Bemol

Corre ao encontro

Do futurista

Sustenido

Em um pianíssimo

Gemido.

Trocam melodiosas

Juras de amor

E a pausa encantada

Arranja um encontro

Com o misterioso

Compasso

Que pulsa

Na cadência da paixão

A pura sintonia

De corpos em fusão.

Lilian Rose M.da Rocha



Berta de Maria de Santiago

(04/09/1888-07/01/1970)

“salve 4 de septiembre”

El cielo está más azul
Por el “cumple” que recordamos
Nuestro corazón es un baúl
Que abraza a quien amamos

Berta con de Santiago
Allá arriba juntos están
Entre abrazos y halagos
Con los nuestros festejarán

Saudades de linda viejita
Que nos dejaba perplejos
Sentada bajo su ventanita
Ofertaba lindos consejos!

Nuestra nostalgia es inmensa
Sin palabras que satisfaga
La memória es intensa
El tiempo no la apaga!

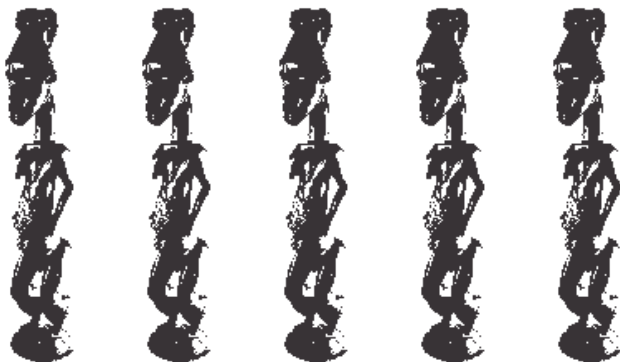
En la tierra plasmamos
Cual humilde retribución
A querida Berta recordando
Con cariño en oración!

Geraldo Estrada

Estampa africana

Não é o conflito vermelho das aves
com estilhaços do crepúsculo
nem a piscina dos crocodilos
nem a palmeira
ao fio da chuva guerreira
não é a tatuagem no dorso do lagarto
não é estrela, pavão, topázio, olho
de leopardos saciados
não são mangas abrasadas
nem serpentes de canela
apenas a estampa, a canga
da bruxa senegalesa
que sopra-me a testa, essa ruga tão
séria

Rosana Piccolo



Desistência.:

Onde sei que perdi, resisto
Não há vento que demova o que sou
Ainda que em vento eu me transforme
Serei o mesmo, sempre; e sempre a mesma força.

Onde sei que nasci, insisto
E é bem possível que eu morra muitas vezes
Ainda que, contínuo, eu me divirja
Serei o mesmo, sempre; e sempre a mesma força.

Delicado, como o som de um trovão inesperado
Fascinante como a chuva de uma qualquer segunda-feira
Infinito, como um ponto azul no céu, determinado
E finito como o mar tocando a beira...

Do trabalho
Chego em casa
Cansado

Subo sessenta e um
Degraus das escadas
Vou cansado - subo

Contudo
Nada supera
Carregar nos ombros
Algumas dores do mundo.

Cleber A. dos Santos



Assim,
Onde sei que perdi, eu vivo.

Evandro Alves Maciel.:

A colheita dos dias

As flores que me trouxe a primavera
Eu não as colhi deixei-as ao vento
Que as carregou para outros jardins
Das suas cores não vi pétala alguma
No verão já nada restava do seu perfume
Sobraram apenas galhos e folhas
Que no outono secaram e caíram
Ficaram douradas e vermelhas
A essas colhi iludida por suas cores
Na esperança que ainda fossem flores

Sirlene Maria Vieira

Escultura

*"Pedra de Ponta Curvada"
Eis Quixadá!!!*

Aí está meu Ceará!
água e barro
monolítico
modelado pela mão do vento

Ventre

Vale em monumento
Galinha Choca
arquitetando
pleno voo

Bico de Arara

Voa, voa passarinho
faz lá o seu rapel
escala morro acima
livre para cantar.
Quixadá! Quixadá!

Márcia Plana

Desatenção

A fugidia felicidade
baila constantemente
e no chão da realidade
rodopia docemente.

Sempre embala um sonho, uma
promessa
e, feito um bom pescador,
magia e ilusão arremessa
pra arrastar os fluidos do amor.

Contudo ninguém sabe exatamente
o momento desse flutuar
se é verdade que baila
constantemente
é verdade que não se faz anunciar.

Amiúde o coração se esmera
fecha o círculo no espaço
num acaso, uma desatenção na
espera,
e ela voa leve, livre, solta, sem laço...

Andrade Jorge



Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 150 exemplares.
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandez (Gente de Palavra);
redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Erivoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo

Porto Alegre, outubro de 2014.

APOIO:

